

Documenta

Eu Luto - Recital Cênico Musical
(2022)

Marcus Mota
Universidade de Brasília
E-mail: marcusmotaunb@gmail.com

Resumo

Neste texto são disponibilizados os materiais que documentam o espetáculo *Eu Luto* (2022).

Palavras-chave: Dramaturgia, Composição musical, Poesia, Luto, Indignação.

Abstract

*In this text, the materials that document the show *Eu Luto* (2022) are made available.*

Keywords: Dramaturgy, Musical composition, Poetry, Mourning, Indignation.

 espetáculo Eu-Luto foi apresentado na Universidade de Brasília, dentro das atividades do *Cometa Cenas - Mostra Semestral de Artes Cênicas da UnB* em sua edição 71, nos dias 21/09, 2022, às 20:00, na sala BSS59, e no dia 23/09/2022, no Anfiteatro 09¹.

O espetáculo nasceu de uma inconformidade geral com a situação política, nacional especialmente com os dados revelados pela CPI da COVID, em inícios de 2022.

Numa visita a Hugo Rodas, em março de 2022, conversamos sobre a possibilidade de fazer algo juntos. Seria um musical político, como fizemos com

1 Para a programação do Cometa Cenas, v. <https://www.instagram.com/cometacenas/>

Salomônicas, em 2017, nossa última parceria².

Com agravamento de doença de Hugo e sua morte em 13/04/2022, juntou-se o sentimento de perda com o de indignação. Então houve uma conjunção de esforços:

1. retomada de uma longa parceria com o músico e luthier Cazen, por meio de sessões de improvisos, todas registradas, desde abrir de 2022.
2. elaboração de textos a partir de situações e tipos dos extremismos de nossos dias;
3. elaboração de canções a partir da perda de pessoas amadas como Hugo Rodas e meu pai e amigos e parentes dos que passaram a integrar esse processo
4. abertura de um blog de registro e acompanhamento do processo³.
5. contato com estudantes, amigos e colegas para performarem textos e canções no espetáculo
6. aplicação de conceitos a partir de pesquisa sobre a dramaturgia musical de Richard Wagner e a ideia de coro.

Logo de início, abdicamos da ideia de construir um arco narrativo geral, com personagens, ações e espaços. Optamos pela modularidade do processo de montagem: como um móvel feito de partes separadas, os textos que seriam interpretados, as canções e as partes instrumentais foram ensaiados em tempos e lugares diferentes. Os grupos não sabiam uns das partes dos outros. Na semana das apresentações tivemos dois ensaios gerais em um estúdio de gravação. O foco foi na alternância de canções e textos falados, os quais traduziam a ambivalência da palavra “luto”.

Para nomear essa dramaturgia não narrativa, foi utilizado o termo recital cênico-musical. Este acúmulo de vocábulos procura apresentar a ideia de uma performance que se vale de sons em cena com algo tanto de tradição musical quanto de tradição teatral. A primeira ideia foi “recital dramático-musical”. Essa ideia foi abandonada, pois daria a entender que haveria uma ênfase possível em algo mais voltado à roteiros dramáticos com construção de figuras. Não há figuras. Não se pensou em um suporte personativo único.

O vocábulo “recital” possui longa produtividade em música, especializando-se em uma performance musical solista vocal ou instrumental. Mas o termo se liga a recitar, recitação, relacionado à prática de apresentar oralmente um texto verbal. Assim, lado a lado temos a performance não verbal solista e a performance verbal solista ou não, pois uma “récita” pode ser sinônimo de uma apresentação cênica ou uma apresentação musical: um espetáculo pode ter várias récitas, récita referindo-se a cada performance singular de um espetáculo.

2 Para o espetáculo, v. <https://www.instagram.com/cometacenas/>

3 <https://projetoandanova2022.blogspot.com/>

Assim, quando foi usada a expressão “recital cênico-musical” marcou-se um conglomerado de redundâncias e ambivalências que justapõe artes verbais, cênicas e musicais.

Para documentar mais este processo criativo do LADI-UnB, disponibilizam-se:

- a. Programa
- b. textos
- c. canções

O link da apresentação no na 9 é: <https://youtu.be/T-lbtDJ1NOU>. A filmagem foi realizada pela artista e pesquisador Alexandre Rangel.

a) Programa Eu Luto



Apresentação

Neste semestre de retomada das aulas presenciais, o Laboratório de Dramaturgia da Universidade de Brasília (LADI-UnB), retoma também suas atividades. A partir de tantos fatos acontecidos nestes dois últimos anos, em especial, surgiu a necessidade de se traduzir em palavras e sons a indignação e a saudade. Luto e Luta!

Este recital cênico-musical entremeia textos contra o que está acontecendo no Brasil e no mundo com canções de luto e saudade.

Ainda as imagens e os vídeos do artista Bruno Corte Real irrompem como contraponto aos sons e sentidos que ecoam entre nós.

Por uma Universidade Pública de qualidade, crítica e independente!

Programa

- 1- Abertura instrumental
- 2- Canção: *Eu não Quero Mais a Morte*
- 3- Texto 1
- 4- Canção : *Todas as Canções*
- 5- Texto 2
- 6- Canção : *Depois*
- 7- Texto 3
- 8- Canção : *Basta abrir a porta*
- 9- Texto 4
- 10- Canção: *Eu não Quero Mais a Morte (bis)*
- 11-Texto 5
- 12- Instrumental de Saída

Ficha Técnica

Ficha Técnica

Textos e Músicas: Marcus Mota - Laboratório de Dramaturgia-UnB

Intérpretes: Jonas Sales, Gabriele Cornelli, Eldom Soares, Janette Dornellas, José de Campos, Lucas Fonseca

Banda: Banda: Rachel Rianele (bateria), Kazen (Guitarra), Marcus Mota (Guitarra/Violão), Eldom Soares (Flauta)

Imagens e vídeos: Bruno Corte Real

Arte: José de Campos

Sobre a produção do Laboratório de Dramaturgia, v. *Revista Dramaturgias* Link:

<https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/index>

Veja ainda <https://unb.academia.edu/MMota>

Agradecimentos: Equipe de montagem do Cometa Cênicas, Estúdio Classic Vibe (408 norte, bloco E, subsolo), Glauco Maciel.

Este espetáculo é dedicado à memória de nossos mortos, em especial a de Hugo Rodas.

In memoriam: Seu Valter. E Oscar.

Apresentações:

Dia 21 de setembro, 2022, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, sala Bss 59, às 20:00.

Dia 23 de setembro, 2022, Universidade de Brasília, Minhocão sul, Anfiteatro 09, `14:30.

b) Textos

Um

Enquanto telescópios espaciais vasculham os cada vez mais distantes ecos de nossas origens, homens lançam bombas em casas, escolas e hospitais, cumprindo ordens, cumprindo ordens, cumprindo ordens.

Enquanto imagens de galáxias as mais distantes pulsantes e vivas chegam até nós, um louco no poder, homens loucos no poder, ódio e ressentimento se espalham na paisagem cada vez menos verde do planeta.

Enquanto telescópios e galáxias e homens loucos no poder se avolumam nas telas e mentes, uma mulher corre desesperada na esteira, o suor em seu corpo, seu corpo forte, os caminhos abertos, nenhum sorriso, o olhar firme, um mundo dentro dela, girando, planetas, estrelas, e ela quase a voar, vermelha, quase a derreter, a sumir, a mulher em fuga, para sempre, adiante, a correr.

Enquanto a mulher se lança para o nada em sua volta, e os telescópios nos trazem outros mundos, outras formas, o além no plural, e as guerras e os homens loucos berram e xingam e destroem, um garoto se tranca no quarto, coloca os fones e ouve música alta e forte, não importa a música, a música apenas, a sua música, o som das palavras cantadas, o som das batidas eletrônicas vibrando nos seus ossos, tudo em volta se movendo para além do mundo de agora, das naves no espaço, das estrelas, das bombas, das mentiras do homens loucos, da gritaria e do choro dos órfãos, das viúvas e dos que perderam tudo, e dos que odeiam, e dos que não se veem satisfeitos com as bombas, insultos e tiros.

Enquanto essa música cala por instantes as vozes, as explosões e o assombro, um homem, uma mulher, qualquer um, chega em casa depois do trabalho, toma um banho e vai pra cama dormir, um dia longo se foi, outros mais virão pela frente, um dia após o outro, para conseguir o dinheiro para pagar a comida, a bebida, o transporte de cada dia, de um mês que sempre acaba antes, do mês que vem sempre desejado, que venha o salário, que o salário como mágica se divida e multiplique, os números rodando em sua cabeça, não há sono, não há paz, vai faltar, não vai dar, não tem dinheiro pra isso, não há dinheiro pra sorrir e viajar, e nem o sono é mais outra coisa, nem o sono é seu, nem a cama é cama sua, é tudo de alguém que não é você, e você enterrado entre dormir e acordar e o dia que certo vai bater na sua janela, um sol imenso, quente, abafado, o sol e o som das máquinas cortando o asfalto, mil caminhos, todos abertos, anos luz daqui, as galáxias, uma explosão de estrelas, e o assombro, as vozes, um dia após o outro. Então você ronca, um rumor profundo em seu peito, o estrondo de todo o universo atravessa paredes, faz tremer a casa e chega nas ruas lá fora. É o sofrimento e a glória, ostentar a ferida e a coragem. Você ressurgue de um sono profundo a cada rugido. Todos os dias gritar mesmo morto contra o que te devora.

Enquanto ruídos arranham gargantas, naves rasgam os céus e bombas explodem crianças e homens loucos no podem cospem suas idiotices, em cada rua lojas fecham, viram lembranças, e irrompe gente com mãos estendidas e histórias e pedidos. Há fome, há miséria, e mãos estendidas. As ruas se enchem de gente andando de um lado para outro, trajando cobertores imundos, o mau cheiro que vem do estômago vazio e do desespero. Não adianta virar os olhos, não há como esconder o calor dos corpos queimando o que não

tem. Essas fogueiras vão arder e inflamar o mundo. Há muito combustível, muita energia, o suficiente para devastar tudo pela frente. No centro do mundo, sentada em seu banquinho, uma senhora enorme balança as contas a pagar para os que passam. Que ela não se levante! Que ela continue agitando seus braços! É difícil saber o que virá depois. Mais adiante uma mulher com um bebê no colo avança sobre a mesa de um casal que almoça tranquilo. Ela vende mel, ela coloca o bebê na mesa do casal. Um doido estoura de pular com um copo de cerveja na mão. Ele vai de mesa em mesa pedindo mais álcool. Faz frio, faz calor, noite e dia girando sobre a terra, a terra no céu, um ponto brilhante se extinguindo, uma explosão a mais e mais nada. Uma escola, um hospital, um conjunto habitacional. Cumprindo ordens, cumprindo ordem, cumprindo ordens!

Enquanto a mulher com bebê no colo cerca o casal tranquilo, no fim da rua um motoboy se espatifa contra um carro. A colisão de duas máquinas. Os sons da sirene da polícia e da ambulância. No chão, pedaços de ferro e um capacete quebrado. Engarrafamento. Manhã perdida, atrasos, mil reclamações. Todos se encontram juntos ao fim na rua bloqueada. Dentro de um carro, um jovem discute com sua mãe. Em outro, um casal se suporta em silêncio. Não vai haver escola, compras no supermercado ou trabalho tão cedo. Essa rua entre nós. Essa rua interrompida. Essa pista que nos trouxe e leva. O lugar de todos nós.

Enquanto os carros estão plantados imóveis em um engarrafamento, há uma ideia que surge, um vento suave, a brisa desejada: pra que ir mais adiante? Pra que continuar? Os celulares com carga suficiente logo desligam. Esse beijo em tua boca logo sai com o banho. Essa roupa no corpo não é a mais a mesma após cada lavagem.

Enquanto escrevo, na minha mão esquerda vejo brotarem uns fios de cabelos brancos. Não era assim. Eu conto – são vários, espalhados, fincados na pele, que vai se manchando com o tempo. Agora é uma mecha de fios brancos. Quantas páginas escritas, quantas palavras no papel. O branco dos fios, as páginas, meus olhos vazios. Enquanto eu penso e escrevo essas coisas. Enquanto isso naves voam nas pistas e nos céus. Há uma ideia que gira em cada um de nós. Bombas e homens estúpidos. Tudo em movimento. Um ronco em meu peito. Um buraco na parede. Fome. Mel. Cada vez mais longe. Uma música, por favor. Uma música. Uma música e mais nada.

Dois

Minha vó era doida,
doida doida de dar dó.
E doidos eram seus filhos e filhas,
E os filhos de seus filhos, doidos até.

Um dia minha vó fez um bolo,
Um bolo enorme, fedido.
E reuniu a filharada toda em volta da mesa.
Um bolo pra multidão.

Nunca havia bolo naquela casa,
Nunca uma festa, nem de despedida.
Em casa de doidos, os doidos são a festa,
A festa de doidos não precisa de bolo.

Então minha vó chegou em seu passinho lento,
Escorregando entre arrotos e saltos
E com todos em volta começou a rir -
Ela ria com a faca de cortar o bolo na mão:

“Pra quem vai o primeiro pedaço?
Quem é meu predileto?
Quem quer comer do bolo que eu fiz?
Quem vai provar da minha comida?”

Minha vó cozinhava porcamente todos os dias.
Ninguém conseguia comer aquela porcaria.
Todos os dias a comida ia pro lixo
Mas todos os dias minha vó cozinhava pra nós.

Agora era diferente. Era um bolo, o bolo mais feio do mundo
O bolo se desmanchava, a base franca, as camadas gordas e gordurentas.
Subia um calor quente daquela maçaroca, uma fumaça de câncer e esgoto.

“Vamos, vamos, cambada:
Comam, comam o bolo da vovó!
Hoje é um dia diferente, Hoje é um dia especial!”

E assim foi o medonho, o medonho pavor entre nós. “Como assim – especial?!?”
O que vai acontecer? O que vamos festejar?” Surpresa em casa de doidos é
terrível.
Não saber o que vai vir é um meteoro na sua cabeça. E aquela tarde e noite
foram inesquecíveis

Minha vó era doida, doida, doida,
Mas sabia das coisas.
Durante anos ela nos assombrou
Com sua comidas e surpresas.

Somos todos os filhos da doida,
Espalhados pela vizinhança
Ainda comemos a comida porca
Que restou do lixo de todos os dias.

Mas o bolo nunca, nenhuma fatia,
o bolo era demais, o bolo era pra outros,
nunca o bolo pra nós,
nunca, o bolo não comemos.

Tudo tem um limite, até entre os doidos.
Podemos pensar que o mundo é uma folha de papel boiando no infinito,
Podemos acreditar nas máquinas que nos vigiam e controlam nossa alma
Podemos mesmo sentir a ameaça comunista vermelha e peluda nos cercando

Porém, nunca, nunca vamos provar dessa iguaria
Pois é imundície pra nós, é gosma danosa - horror e horror.
Podemos até pisar nas feridas e imitar gente morrendo,
Abrir as portas da casa e metralhar quem entrar
Podemos ainda nos vestir de gente do bem e rezar e montar a cavalo e disparar pelas ruas da cidade.
Há quem pense que somos doidos pois nossa vó é doida e nos fez um bolo intragável.
Na verdade, sempre fomos insanos, angustiados, covardes , mesmo antes dela.
Em nosso caso, a gargalhada nos uniu e nos gerou.
A avó veio depois, a canseira de nos bater, vestir e alimentar.
É de nossa natureza recusar o melhor, não provar do bolo.
Para nós, não há nada além disso:
O que para você é uma boa ideia,
Para nós é o pior que pode existir.
Somos os doidos, o incômodo, o embaraço.
Somos os filhos da doida, a loucura de haver gente como nós.

Três

As nossas crianças estão correndo
As perninhas mal saindo do chão
Quase voando, tropeçando em nuvens
Numa pressa de fugir pra longe.

Como correm essas crianças
O pescoço esticado quase a saltar da cabeça

Quase a chegar onde querer ir
O mais longe possível daqui.

É certo que vão cansar, que vão cair e se sujar da terra
Seus corpos vão cair e sangrar e a dor será insuportável.
Não há alegria, não escape
As crianças vão ficar imundas e feridas.

Mesmo assim elas correm, o choro contido em seus rostos
Elas correm e abrem seus olhos pra frente
Lá, longe daqui, alguém, algum lugar,
Elas correm querendo ultrapassar a barreira do provável.

Pois tão certo quanto a corrida é a queda
O encaço, o laço, o abraço fatal.
As crianças são caçadas, abatidas e mortas
Na grande arena do mundo.

Corre criança, aproveita o tempo livre que te resta,
Brinca, sorri, te manifesta:
Logo vem o horror e o medo.
Logo não vai haver onde se esconder e fugir.

As nossas crianças continuam correndo
Sob o olhar da fera que examina a arena do mundo.
O olhar da fera-desgraça engorda a futura presa.
O desejo faz a boca mastigar o vazio, salivar.

Correm perninhas e vestidinhos,
Correm bochechas rosadas e meias de algodão.
A fera já não se aguenta mais e parte pro cerco
Todos os caminhos já foram trilhados uma vez.

Corram, meus filhos, gritem, fujam, não parem!
Mais à frente, é logo depois, é fora e distante.
Não virem o rosto pra trás, não olhem a fera.
A arena é da fera, o animal que ronda e sua.

A fera habita os becos sem saída e os atalhos,
O chão duro que rasga os corpos é sua pele.
Roupas pelo chão, corpos nus e violentados,
Mordidas, arranhões, ossos quebrados, a luz se foi.

São as nossas crianças, nossos filhos e filhas!
Fomos nós quem geramos, criamos, alimentamos!
Elas correm nos procurando, os braços abertos,
Elas correm em busca de nós.

As casas estão cada vez mais vazias
Um silêncio aperta cada coração
Elas não voltaram da escola, da rua,
Elas passaram por essa porta que ficou aberta.

Onde estão as crianças que não correm mais?!!!
Por que não correm mais as crianças?
Os gritos cessaram, e as brincadeiras, e o sangue.
O mundo parou de girar.

Quatro

Sejam bem-vindos os novos sábios de agora
imponentes em sua irritação e fúria
contra tudo que é correto, pacato e bom.

Sempre há a divergência, o que nós não queremos.
Isso não nos agrada, isso não é assim.
Por força, nós não aceitamos os outros – eles!!!

E tem de ser tudo resolvido dessa maneira:
de um lado, o que não presta, a tediosa presença da lamúria;
de outro, os melhores, os que decidem, os que negam e se espalham.

Os novos sábios não mais se ocultam ou se arrependem.
Não há medo nem vergonha, apenas o evangelho da desgraça.
Todos os livros são inúteis – prevalece o que eu digo que é.

Saímos das sombras, do ridículo, do desprezo geral
e temos músicas, filmes e todo tipo de aclamação pública.
Ninguém mais vai impedir que o inevitável esgane a esperança.

Agora é a vez dos que eram considerados ignorantes, limitados,
agora é a vez do estorvo, do arbitrário, do sem freios e sensatez
nunca mais vão se calar aqueles que antes não tinham o que dizer.

E vão chegando todos para frente, suados, gritando furiosos,
e empurram, e pisam, e ameaçam, e dão coices e tiros e cusparadas.
E sorriem para o público, e brigam entre si, rindo, o sangue em suas mãos.

É a hora dos novos sábios, dos guias de multidões,
formados a ferro e farra nas mais duras lições, forjaram a si mesmos,
são mestres sem mestres e cheios de razões.

Primeira grande descoberta: tudo está errado, tudo é mentira
Sempre fomos enganados, temos que nos libertar da verdade.
A vontade, a minha vontade é o que vai nos orientar.

Segunda grande descoberta: eu não preciso trabalhar nunca mais!
os melhores devem ser pagos pra nos instruir e julgar.
A remuneração do conspirador é a paga por suas revelações.

Terceira e última descoberta: o ruim é bom, a balbúrdia é lucrativa.
Vamos acusar, vamos difamar e provocar desordem
Isso vai durar o tempo de nossas vidas se arranjam.

Assim, pequenos homens e mulheres em suas diminutas ocupações e serviços
esses ordinários servidores sem prestígio, linhagem e herança
um dia se encontram e fazem a maior revolução da história:

Por séculos tentou-se uma ordem das coisas, uma norma contra o caos.
Então os extirpados dessa ordem, os intolerantes, os ressentidos, os
amargosos
eles se unem no comum de sua insignificância e vociferam:

“Deus! Deus! Família! Pátria!
Pau no cu dos infiéis!
Pau no cu dos comunistas safados!”

A mamadeira de piroca vai reescrever os livros de história.
As urnas eletrônicas vão virar penicos pra generais.
Goiabeiras desfolhadas cantam pra Jesus cristinho!

E não é preciso diploma pra dizer que sabe
mas o melhor é dizer que tem diploma pra poder dizer
mesmo que não haja diploma, daí é muito melhor.

Você pega o nome de uma grande universidade
e coloca assim no papel o curso que você não fez lá

e pronto: gênio, um currículo ímpar, sem esforço algum.

Pois os novos sábios cagam pro conhecimento
o que vale é a fala e o embrutecimento
por isso nem o diploma nem a ciência valem mais nada.

É uma revolução única na história da humanidade:
o real é a mesma coisa que o som e a saliva
e nem as palavras e a escrita têm alguma utilidade.

Não precisa mais haver comprovação e esclarecimento.
Somos os que comem, bebem e cagam
e quem nos abriu os olhos merece nossa mais sincera devoção.
“Deus em primeiro lugar!
Depois no cu de vocês!
No cu dessa caralhada toda!”

Entre o traseiro e a boca circulam os interesses dos novos sábios.
É uma religião, uma não metafísica, uma transmiliopatia.
Fezes fazes o que queres: Força, farinha, multidão.

Seis

Depois da extinção da desgraçada raça humana
não mais ódio, o futuro, as palavras.
Não há carros nas ruas, nem ruas, nem cidades.
Uma bola de luz e calor gira atravessando o universo a mais de cem mil quilômetros por hora. Ficam para trás e para sempre as grandes conquistas, as invenções e o tédio.
Não é possível ouvir os gritos sufocados dos que morreram a dura morte do dia a dia,
sonhando seus sonhos, amando seus desejos, a boca ainda aberta, os dentes amarelos.

Um homem de deus grita pelo fim do mundo e pede mais dinheiro.
Um homem do povo, como se o povo fosse uma pessoa,
um homem do povo pede votos e mostra as mãos limpas, brancas, radiantes.
Um cantor e sua música ruidosa explodem nos ouvidos
e a religião e o Estado dançam a festa de todos os sentidos.

Mas lá de longe, entre o vazio e os pedaços de estrelas,
não há o menor sinal de nossas misérias.

O líder de uma nação de idiotas e o maior famoso idiota do mundo
ninguém tem mais voz ou figura.
A velocidade impensável apagou os registros do que se considerava ter algum
valor.

Não adianta aumentar o volume
de nada serve esfolar o inimigo
é inútil o medo, a vergonha e a falta de compaixão.

Ninguém mais vai esperar pelo Grande Dia
os salários não vão ser pagos
nem haverá trabalho ou o que fazer.

De um instante para o outro tudo se acaba.
Números, letras, sons.
Livros, risos, o gol.

E vai ser numa segunda feira
Acordar com um beijo frio de bom dia
levar as crianças para a escola
buzinar no trânsito
comer um sanduíche
não falar, não parar, apenas ouvir.
Um aperto no coração,
as dívidas,
o dever de casa das crianças,
“papai preciso levar uma caixa de sapato pra aula”
“papai, não sei onde deixei o livro de matemática”
“papai, uns garotos riram de mim”
“papai, eu cresci, preciso de tênis novos”
“papai, prá que escovar os dentes?”

Ah, meus filhos, um dia nada disso vai ser necessário.
E vai ser numa segunda feira.
Tudo isso – escola, matemática e religiões –
Tudo isso acabou.

E rápido.

Seremos apenas uma fogueira ardente
queimando até as cinzas
e as cinzas espalhadas pelos ventos
que sopram sobre a superfície do planeta vermelho.

Que maravilha!
Que segunda feira!
No espaço infinito mais um globo em sua ágil trajetória.
Tudo agora se encontra em paz.

[Sete⁴

Esse é o texto mais safado que já se escreveu
tem a forma de um homem deitado na cama.
Ele não tosse mais, e seus olhos se fecharam.

Esse é o homem mais calado que se deitou,
os lençóis acariciam um corpo nu e esguio,
não há um sopro de ar em todo o quarto.

Essa é a cama mais pesada que já existiu,
contém as vidas de tantos que se foram,
e dos que ficaram com a morte dos outros.

Esse é o texto, o homem e a cama
Mas há muito mais fora do quarto.
Tudo aconteceu muito rápido e longe daqui.

Amanhã acaba o concurso municipal pra polícia.
Amanhã meu sobrinho faz quinze anos.
Amanhã eu iria viajar pra praia.

Amanhã e somente amanhã chamar o eletricista.
Amanhã ir trocar o óleo do carro.
E amanhã levar a família pra passear no shopping.

Eu tenho uma mochila verde pra ir pro futebol
Eu tenho uma calça apertada demais, velha demais,
minha cintura cresceu, se esparrama pelos cantos da sala.

O barulho da cortina me diz que o dia amanheceu
os passos lá fora me fazem sonhar com algo estranho:
é um sonho, e eu estou dentro dele, ouvindo tudo,

4 Não foi apresentado.

um sonho em que todas as coisas atravessam por mim
e eu não sou mais uma pessoa, não tenho mais rosto,
não estou mais deitado em uma cama.

No sonho, basta o menor movimento da cabeça
e eu vejo e sinto as luzes e as cores e os sons sem fim
e a imensidão é repleta de olhos e bocas e mãos,

e nada do que eu quero eu abraço,
nada do que eu vejo e toco,
apenas estar ali e ser algo entre o que já existe.

Foi você quem me pediu pra mostrar o abismo.
Não peçam coisa alguma para os mortos.
Não me diga para contar o que não quero,
não me obrigue a sonhar o sonho que não é meu.

Isso tudo é muito safado, bandido, leviano
quem sacode os lençóis faz revoar o pó
o teto se enche de cascas, peles, restos.

Desliguem as câmeras, os aparelhos!
Não me beijem, tirem suas bocas de meu rosto!
Saíam daqui, fujam! Fujam! A porta aberta!

O mais difícil na vida é dizer adeus.]

c) Música

Eis a distribuição das músicas ou o “mapa” dos sons do espetáculo.

SEÇÃO	TIPO	INTÉRPRETE	TEMA	PEDAL	GESTO
1	ABERTURA INSTRUMENTAL	BANDA	Em/Bb	80s Studio lead	Agito Rock. Começa com as baquetas. No sétimo tempo entrar. Compasso 5/8.
2	CANÇÃO 1	Cantores e violão			
3	TEXTO 1	Lucas	Ddim	Deep Scissors	Espaço celeste, Slides, suspensão.

SEÇÃO	TIPO	INTÉRPRETE	TEMA	PEDAL	GESTO
4	CANÇÃO 2	Cantores e violão			
5	TEXTO 2	Campos	A7	Royal lead	Festa maluca, mundo ao avesso
6	CANÇÃO 3	Cantores e violão			
7	TEXTO 3	Janette	Am	Roads	Passos, perseguição
8	CANÇÃO 4	Cantores e violão			
9	TEXTO 4	Gabriele/ Campos	Eb/E. Usar acordes de Cm7, Ebmaj7, Gm7.	Bark tone	Circo.
10	CANÇÃO 5 [1 de novo]	Cantores e banda.			
11	TEXTO 5	Lucas	Dm/ Dm -Gm/ Bb	Royal lead	Final, rock Das estrelas.
12	SAÍDA. INSTRUMENTAL		A9	Clean	Relaxamento

Textos de apresentação das canções⁵:

Canção 1

Há anos Hugo Rodas morava na asa norte. Quem privava de sua intimidade sabia bem se deliciar com ele em restaurantes na região. Pizzarias, comida mexicana, carnes... Essa primeira música vem dessas lembranças. Como ele não dirigia, mas fazia questão de guiar quem dirigisse, sempre alguém ia pegar e trazer Hugo para os ensaios e restaurantes. Eu fazia muito esse percurso, passando em frente ao posto de gasolina na unb e seguindo reto para a colina. Depois de sua morte, parei de seguir reto com o carro. É um caminho interrompido, uma trilha aberta na Asa Norte e em mim.

Canção 2

⁵ Estes textos foram elaborados após a primeira apresentação. Como eu não consegui apresentar as músicas em virtude de muita emoção, resolvi escrever textos para introduzir as canções.

Comecei a trabalhar com Hugo em 1998, centenário de Garcia Lorca. Sempre trabalhamos com a interface entre música e teatro. Muitas canções foram criadas para espetáculos como *David*, *No Muro*, *Sete contra Tebas*, *Salomônicas*. Tínhamos a ideia de fazer saraus, encontros entre poesia e música. Tínhamos planos de fazer algo esse ano contra tanto retrocesso que vemos em volta de nós. Canções realizadas, canções sonhadas. Tantas... Todas as canções.

Canção 3

Meu pai e Hugo nasceram no mesmo ano. E morreram no intervalo de poucos meses. Meu pai me deu a vida biológica, Hugo a vida como artista. Esse ano, foi meu primeiro dia dos pais sem meu pai. Eu estava na academia me exercitando e comecei a chorar. E agora, o que vem depois? Sai dali e compus essa canção.

Canção 4

Uma das boas lembranças de Hugo Rodas era ir onde ele morava, tocar o interfone e ele falar pra subir, que a porta estava aberta. “Entre, a porta está aberta” A porta que se abre e nunca fecha. Morrer é assim, esperar por alguém que não chega? Um rapto, um susto? Parceria, amores, vivências, trocas, memórias.

Eu não quero mais a morte

Música e Letra:
Marcus Mota

(♩ = 135)

The musical score is written in G major, 4/4 time, with a tempo of 135 beats per minute. It consists of eight staves of music, each with a line of lyrics underneath. The lyrics are: 'Eu não que-ro mais a mor-te, eu não que-ro nem sa-ber to-do'o di-a mes ma coi-sa de pen-sar no que vai ser Eu não que-ro mais a mor-te não con-si-go en-ten-der Já não lem-bro mais a-qui lo qu'eu ten-ta-va es-que-cer. Som-bras e car-ca-ças, bei-jos e cri-an-ças. Lou-cas ma-dru-ga-das, tris-te'a ma-nhe-cer So-nhos sem sen-ti-do, bo-cas de ca fé. Dur-mo a-cor-da-do, an-do a cor-rer.'

Chord progressions are indicated above the notes: G+7, G5sus, F+7, F#dim, G+7, G5sus/A, F+7, G+7, F+7, Em6, Em6/D, C+7, Bsus, F#5, D9, C+7, Bsus, Am, Em, Am, B6, Am, Bsus, Em7, Em7/D.

©Marcus Mota 2022

2

Eu não quero mais a morte

Musical score for the song "Eu não quero mais a morte". The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#). It consists of four staves of music with lyrics underneath. Chord symbols are placed above the notes: F#5, D, G+7, and F+7.

33 F#5 D G+7 F+7
— Por is-so'eu vou pra a - sa nor - te no meu car - ro com vo - cê.

37 G+7 F+7
— Por is - so va mos pra'a sa nor — te, não me lem bro mais por quê.

41 G+7 F+7
— Nos-sa vi - da na'a - sa nor - te, eu não que - ro es - que cer

45 G+7 F+7
— es-sa noi - te na'a - sa nor - te va mos jun - tos nos per - der —

Todas as Canções

Letra e música:
Marcus Mota

(♩ = 120)

rit.

a tempo

8 F+7 F6 Gm7 C9 C-9
To - das as can - ções que fi - ze - mos jun - tos

12 F+7 F6 Gm7 C9 C#dim
tra - zem pa - ra - nós um a mor - sem fim Eu a -

16 Dm Dm/C Dm/Bb Dm/B Asus
sim me en - con - tra - va ne - ses sons há paz em mim Eu as -

20 Bb9 Gm7 C7(9)
sim i ma - gi na - va o meu mun - do com vo - cê Mas

24 Bbmaj7 F7/C Bb/F Am/E Fmaj7
sei que a vi - da não ca - be na can - ção que'o

28 Bbmaj7 Am6 A7 Dm Dm/C Dm/B
mar não es - con - de seu po - der e'e - sse

Marcus Mota 2022

2 Todas as Canções

32 C B D7 Gsus Am
mar mai - or vem e vai não vai pa - rar é tão

36 G Em G Em
gran - de meu a - mor tan - tas vi - das nas can - ções quan - tos

40 Gmaj C G/D D7 G Gdim F#dim
so - nhos a so - nhar o meu mun - do sem vo - cê

44 F+7 F6 F+7 F6
To - das as can - ções To - das as can - ções

48 F+7 F6 F+7 F6 Ad libitum
To - das as can - ções To - das as can - ções

Basta abrir a porta

(♩ = 120)

Letra e Música:
Marcus Mota

Cmaj7 G/C Cmaj7 C/E

Bas - ta'a-brir a por - ta e dei - xar en - trar o tem - po que foi

Fmaj7 C/G Cmaj7 G/C

bom pra nós Bas - ta'a - brir a por -

Cmaj7 G7

- ta e dei - xar en - trar o tem - po que

Cmaj7 E7/B G C sus Cmaj7

Tan - to a lem - brar nós - sós so - nhos sem i - - - - - igual Nos - sas

G

17

vi - das sem - pre - jun - tas sem - pre jun - tos a sor - rir - - - - - nos - sas

C Dm Em F am C Dm G

21

vi - das tão di - ver - sas nin - guém - - - - - me - lhor que nós. - - - - -

Cmaj7

25

Bas - ta'a - brir a por - ta Bas - ta'a - brir a por - ta

Em

29

Bas - ta'a - brir, Bas - ta'a - brir Hum - - - - - di - ra

Marcus Mota 2022

2 Basta abrir a porta

Dm C Em

33

tê ti bá - - - - - Hum - - - - - di - ra

Dm

37

tê ti bá - - - - -

Depois

Letra e Música:
Marcus Mota

♩ = 110 G9

En - tão eu vi que'es ta va
só que não ha - vi - a
mais al - guém a - lém de nós
a vi - da vem e vai sem
fim vo - cê se foi e eu fi
quei en tão não sei o que vai
vir. Bem sei que - vou co -
mer, be - ber, vi - ver en fim

Marcus Mota 2022

2 Depois

Fa zer o que a gen - te
fez, vo - cê se foi e eu fi
quei Quan - do eu sor - rir vou lem -
brar So - mos mais que'a mor - te vi - da
traz. Sem pre lem brar Sem pre lem
brar Sem pre lem brar